



*Égua*  
*barranqueira*  
**e outras histórias**

**Luiza Possamai Kons /2015**

**P**alavras que costumam ser leves e soltas: por vezes se travam. Se tornam rígidas como se quisessem virar pedra. Travei. Travo. Travarei. A cada oportunidade que tiver de discorrer sobre aquilo que escrevi: não vou saber o que dizer. Lá no fundo me sinto oca, com um vazio de paredes tão distantes entre si que o eco ressoa de um lado para o outro. Então, é como se todas as nove narrativas, o roteiro, e as fotografias que aparecem aqui: não tivessem brotado das sinapses doentias do meu inconsciente (desse nada que me habita).  
É que assim seja.

Aos leitores: toda e qualquer interpretação possível.

*Luiza Kons*

# Sumário

## Primeira parte

### Narrativas:

4	Feito mel
8	Além do burburinho
12	Livro de dentro
16	Égua barranqueira
24	João e José
32	Barriga d'água
36	Boneco de plástico
40	Nesse Mundo
46	A espera da rainha de gelo

## Segunda parte

### Roteiro:

50	Outra face
----	------------



*Feito mel*

**É** meio estranho, é muito estranho mesmo. Porque às vezes o vento vem, e aí vai levantando os vestidos das moças. Quanto mais rodados, mais eles sobem. Aí dá para ver as calcinhas que não combinam com o resto. As calcinhas furadas. A sensação da primavera que trás angústia, das minhas flores que murcham por dentro, das suas flores tão feias, daquilo que nunca vai ser, daquilo que não foi. Daquilo que é só teu, daquilo que não é de ninguém. Oh, Deus, por que a angustia é tão florida? Por que o olfato sempre nos lembra de alguma coisa? Por que ele é tão soberanamente esquecido?

E por que vinham tantos pensamentos no coração daquela moça? Começou assim com alguma coisa, meio que dizendo “está tudo errado”, você não deveria se sentir assim. Não está certo. Os desejos de sempre foram embora, de repente tudo sumiu feito bexiga cheia de doce em festa de aniversário. Feito bexiga que explode cheia de doce, e no final você consegue pegar só duas balinhas de coco. Mas, pensar em coco agora não. Pensar em nada que traga lembrança. Apenas deitar até que tudo vá embora. E se ele estivesse voltando de novo?

Ele apareceu pela primeira vez na infância, e aí foi desespero de pai e mãe para explicar para ela que não se conformava: acontece, acontece. Vai acontecer. Como eles podiam aceitar assim tão fácil? Aceitar que o mundo é regido de forma conturbada, aceitar que aquilo que não está certo é o curso natural?

Não com ela. Nunca mais. Ao menos foi o que gritou para dentro de si: nunca mais. Nunca mais, corvo maldito.

\*\*

Aí ela caminhou. Viu uma colmeia de abelhas. Viu as flores. Viu a enfadonha primavera, e a droga do olfato.. Gritou bem alto para aqueles insetinhos bicolor:

- Suas malditas conformadas!

\*\*

Só que até algumas horas atrás a conformada era ela. Nem estava pensando nele. Só caminhando. Indo ao shopping. Dizendo para fulano na rua “oi”. Ou um “nossa como seus cabelos cresceram”. Ou pensando naquela balança que sempre apontava uns 500 gramas a mais para vender produtos para emagrecer na farmácia. Aí só de raiva, só de ver que no fundo a barriga estava mais murcha dentro da calça, que estava mais magra, foi lá e comeu aquele hambúrguer, depois aquelas casquinhas. Depois foi na livraria, leu um pedaço de um best-seller qualquer. Comprou maquiagem. Comprou caneta para o caderno antigo, e caderno novo para acompanhar as canetas novas. Comprou telefone fixo colorido. Comprou colar de treze reais. Comprou cinco pares de meias por nove reais. Correu para não pagar mais no estacionamento. E por que ficar usando carro? Se todo mundo que é bonito anda de bicicleta? E porque andar de bicicleta se quem realmente é sarado faz academia? Mas, academia não tem bicicleta que fica plantada no chão? Ah! Sim, ela era bem mais maluca que o resto, fazia teste de personalidade no Facebook. Mas, de fato, era diferente: os resultados sempre apontavam isso. Sempre. E claro! Demorava para alterar a foto de perfil, assim não parecia uma idiota desocupada. Ah! Mas, tirava tanta selfie! E a sua boca era relativamente carnuda tipo Angelina, tipo meio que Aline Moraes. E por que não um batom caro da Mac? Ah! Vamos passar.

Aí veio um gosto amargo na boca.

Por que comprar tanta coisa? Pra quê tanta roupa? E tanta comida? Pra depois não gostar de nada e ter

que comprar mais? E porque não estudar para o mestrado? Ah, tão chato! Por que a gente tem que fazer tanta coisa chata para se passar de legal? E para que parecer legal se no fundo somos chatos?

Ah, não! Melhor ir para casa. Dava tempo antes do trabalho. Algo se mexia dentro dela. Alguma coisa não tava bem. Tudo meio que sendo sem ser. Tudo querendo se mostrar.

\*\*

Depois foi lá abrindo a porta, sentando na cadeira, parando para refletir: não queria ver ninguém, não queria comer nada. Nadinha. Em nenhum sentido. Nenhum nhac.

E se tudo estivesse voltando de novo?

Não. Não era assim que ela sentia.

Não estava na hora dele voltar. Voltar para quê? Se logo ele iria embora? Se ele de certa forma era algo que ela criava?

Ele era o símbolo de que nada dura. Ele demorava para voltar. E ele fazia mal para ela. Muito mal. Se livrar dele era o alívio supremo. As amigas deprimidas que fizessem uma chamada para usá-lo de consolo. Não ela. Ela jamais chamaria. Se ele vinha era porque queria. Mas será que lá no fundo ela não dava um jeito de chamá-lo? Ah! Isso não! Quando o fizesse chamaria outro que poderia ajudá-la nos mesmos propósitos e de certo modo, de certo jeito, era um porção que nem ele, mas uma porção menos prejudicial.

Por que o masculino domina tudo?

\*\*

Vamos, vamos, não faça manha: já está na hora do trabalho. Sempre o masculino trabalho, não a aconchegante e feminina cama. Vamos, é só girar o trinco, trancar a porta e ir. Hoje ele não vem. Há semanas ele dá uns avizinhos sutis, para depois sem aviso ir para outros se meter na vida de qualquer um. No geral, são as mulheres que o acolhem, e são sempre as que estão em sofrimento. Quem não sofre não quer, e se ele disser “oi” é porque não tá tudo bem.

Dali a alguns segundos daria uma raiva nela. Ela ali, o vento.

Foi quando ela caminhou, viu uma colmeia de abelhas. Viu as flores, viu a enfadonha primavera, e a droga do olfato.. Gritou bem alto para aqueles insetinhos bicolor:

- Suas malditas conformadas!

Veio aquele burburinho interno, o gosto do hambúrguer e da casquinha se misturando. Virando tudo uma massa nojenta. Todo o dia acontece com todo mundo: só que... oh, Deus! Tinha que ser quando ela estivesse a caminho do trabalho? Veio o primeiro aviso. Ela caminhou mais um pouco. Depois o segundo. O terceiro. A garganta querendo levar à mensagem a boca. Até que não deu mais. Ele, o vômito, apareceu (não sem aviso): e as flores da primavera se misturaram ao muco amarronzado, tal qual as abelhas fazem com o mel...



*Além da burburinha*

**P**ois que era uma convenção. Sim uma dessas enormes. E ninguém sabia muito bem de qual lado tinha de estar para não ocupar o lugar errado. Para sobrar espaço. Era aquela barulheira típica, que vai irritando. Sabe quando um quer fazer mais som que o outro? Um quer ser mais reluzente que o outro? Ai tem aquele grupo da mesma família que vai sempre igual. E todo mundo meio que finge não perceber, por que o altruísmo está na moda e se tornou o auge da superioridade.

Só que lá pelas tantas tampas, uma dessas bem velhas e que externamente se acha bem valorizada olhou para a outra e não teve vergonha de dizer:

-Não cabe quase nada aí dentro. Fina do jeito que é.

Ah! Mas a outra não teve medo de responder à velhota:

-Tem gente que não enxerga mesmo além do rótulo.

Ai foi confusão e o espaço se tornando cada vez menor e mais abarrotado, barulho de taças se batendo e gente misturando de tudo um pouco.

E a novata cada vez se sentindo mais leve. Adorando aquela sensação de volte e meia ser levantada, em uma dança sem fim.

A verdade é que a velhota foi sentido raiva da outra tão nova e tão fininha rodando pelo salão a todo instante.

Aclamada por todos. De que adiantava ser tão redonda? Tão sofisticada? E tão velha se ninguém a queria?

Já fazia tanto tempo que frequentava esse tipo de lugares. A coisa tão igual, tão vazia, enquanto ela ali tão cheia.

A verdade só uma. Enquanto aquilo que estava tão contido dentro dela, tão lapidado, tão marcado pela história em intermináveis horas de estudo não sumisse: então ela estaria trancada nesses salões de luminárias pomposas e ridículas para sempre.

E depois enchem o gargalo para enfatizar que tudo que é pobre não se valoriza e não dura. Lembradas são as coisas ricas: mas como? Se ela via a novata girando e girando e no alto de sua leveza ficar saborosamente mais louca? Se a novata podia a toda instante estar tão próxima àquelas salivas tão doces e tão sedentas? E dava um chacoalhar quase líquido, quando ela se lembrava, que já perderá a conta de quantas novatas novinhas como aquela ela já virá. Ela só queria se tornar maleável e se fermentar inteira por dentro. Afinal, se o que temos demais importante está dentro: então qual é a maldição que nos impede de nos derrarmos para fora? Por que não podemos?

Por que ela tinha de se guardar para poucas salivas, que pagavam caro, ah isso pagavam, mas que no fundo não faziam distinção se era ela ou a novata magérrima? Se só se aproximavam dela, para sorrir aos miseráveis pobres do salão? Pra que tudo isso? Para que ser levantada e girar por entre aqueles corredores cheios de flores ou pecados se no fundo nunca fora/ é verdadeiro?

No final, da convenção ela estava mais pesada do que nunca, ninguém a solicitará. Tão cuidadosamente redonda e ninguém a quis. Pela quinta noite consecutiva. O país enfrentava tempos difíceis. Ela se viu alinhada ao lado de outras, nem tão valiosas, mas com as mesmas feições carrancudas de quem sem se dar conta foi talhada para carregar o fardo de um título. E ela viu a magrelinha sendo levada junto com outras e em várias mãos lá fora. Depois, vinham o sons de clac clac. E nos próximos encontros as novas magérrimas.

Só que aquela magrela fora diferente para gorducha. Teve a ousadia de citar o rótulo, e em nenhum momento sentiu vergonha de seu tempo volátil.

Então, a gorducha ficou parada por alguns instantes (mais parada que de costume). E o líquido se remoendo por dentro. E ai, o estalo feito plástico “pois que era uma convenção. E garrafas sempre caem de cima do balcão...”.



**Quadro de Giorgio Morandi**



*Livro de dentro*

**A**s labaredas quase pareciam uma arco-íris de mil tons. Quase. Não fazia diferença. Só deveriam queimar. O prazer tão imenso. Quando ele viu o carro se despedaçar como uma espécie de obra modernista. Tudo tão sensitivo, sem sentido e colorido. Eles lhe deram a vida, ele os presenteou com a morte.

*As páginas todas escritas à mão. A obra prima. O assassino revelando tudo ao final, em primeira pessoa. Então o restante do livro some e fica apenas a confissão. O crime: os pais queimados em um carro. Ai, seus progenitores morrem tal qual sua narrativa descrevia. As páginas que sobram servem como confissão. Só que quando interrogada: apenas o silêncio.*

Ele deveria se sentir aliviado, vingado.. A raiva tinha de ceder. Aquele não podia ser seu estado natural. Do início ao fim, só se lembrava da mesma história. Do mesmo foco. As imagens do passado exprimiam suas motivações. Como se. Como se tudo se baseasse em complexo e articulado argumento. Mas, se ele tivesse essa autoconsciência então também estaria errado. Loucura? Só que se tudo são caixas dentro de caixas. Importa se o quadrado é físico ou não?

*Quer dizer se ela vivenciou tudo dentro da caixa chamada cabeça, se ela desejava ardentemente que eles derretessem, se ela planejou cada detalhe, e ela queria que a história virasse um fragmento do real. Então qual a importância do restante do livro ter sumido? Se havia dentro da caixa uma ela que produziu aquelas labaredas, se foi mentora ainda que sem dizer, então ela também não seria responsável? Porque importa em qual caixa foi feito, se no final não é tudo caixa?*

***Só que ela pensou em caixas dentro de caixas. E sorriu por saber que ainda que desejasse que eles ardessem. Eles não arderam o livro ainda estava lá. Mas, veja que estranho dessa vez estava apenas o livro. O relato havia sumido. Porque então ela haveria de ter se livrado de um devaneio ao contrário? E se na verdade foi tudo um pressentimento: e se o assassino está dentro de casa nesse momento lendo o relato do crime? Para depois devolver ao mesmo local? Mas, e se essa caixa for um devaneio de seu devaneio?***

Ele pensou. Pensou pensar por dias, até que percebeu que quando saía para andar os cenários eram os mesmos. A cena em que está escondido no porão enquanto ela se dá conta do próprio devaneio. Ele teria que ser rápido com o relato do crime. O relato do crime que ela ansiava, e que ele faria. Mas, porque ele faria? Quando, ele tentava encontrar essa resposta não conseguia, porque era como se ela não o deixasse falar. Mas, ela não o conhecia, então como poderia influir dentro de sua mente? E se fossem tudo caixas? Espere a sua linha de pensamento até agora, jamais o poderia levar a essa ideia. Essa ideia parecia dela. Só que, como ele conseguia acessá-la o tempo todo? E porque ele fazendo exatamente o que já fizera antes? Por qual razão ele sempre fazia as mesmas coisas?

*As labaredas quase pareciam uma arco-íris de mil tons. Quase. Não fazia diferença. Só deveriam queimar. O prazer tão imenso. Quando ela viu o carro se despedaçar como uma espécie de obra modernista. Tudo tão sensitivo, sem sentido e colorido. Eles lhe deram a vida, ela os presenteou com a morte.*

Caixas dentro de caixas. A linha de pensamento dela dentro dele. Ele sempre voltando às mesmas cenas, vivendo elipticamente. E só agora tendo consciência da própria espiral. Só havia uma resposta: Seria ele outra faceta dela mesma? Se sim: estaria ele preso dentro da obra como personagem, ou seria ele uma espécie de auto ego? Só que se as caixas forem uma espécie de baralho?

*Ela hesitou por um instante, e se da mesma forma que ela carrega ele, ela não for a personagem de uma história sobre histórias duplas?*

-



*Égua barranqueira*

**M**adeira sem nenhuma demão. A cor crua. À frente alguns pés de jabuticaba. E aquele cheiro tão característico produzido nos dias de vento e sol, desses que queimam a pele e formam bolha sem nem tomar conta. Assim era casa de homem que quer viver. Não de homem que quer mostrar. O homem que quer mostrar precisa carregar várias amostras disso e daquilo: quando sai do lugar cheio de paredes entra no carro cheio de estofamento e precisa de uma pasta cheia de compartimentos: no meio fica o vazio, sempre tentando ser cheio e ficando mais preenchido de nada. A miséria de abarrotamento.

Ele era homem da vida simples, de se perder nas imensidões do algodoeiro da terra quente e vermelha. Da palavra lavrada e semeada a cada frase. Os cabelos crespeados e rarefeitos presos. Cortados vez em quando em casa. Será mesmo? Será mesmo toda essa lorota?

Gente em excesso cansa. Gente em excesso vai amontando e formando círculo e aí se acontece alguma coisa, surge aquele monte de pé que vai pisando no braço e na cabeça do outro. Ele não tinha paciência. Não tinha paciência para gente nenhuma. Aí, ficou incomodado de ver gente ali no galpão perto do trator sem cabine. Tratava-se de um menino feio e espinhento, que na certa iria querer roubar seu Sharp que ele gostava de ouvir pela manhã. Ele foi andando sem fazer nem conta, a ignorância é uma benção aos imbecis.

-O senhor ouviu o que aconteceu ontem?

Era só ligar o Sharp no noticiário político que aquele rosto oleoso ia ver se arranjava algum lugar para colher algodão e juntar uns cruzados novos para comprar sodinha e tomar com outros imbecis iguais a ele.

- Tava na televisão. A tal capeta de cabelo armado, é assim que meu pai a chama, disse tudo. Acho que é Zélia o nome dela.

Girou com a mão esquerda para 540 KHZ.

“O cruzeiro volta a ser a moeda nacional. E parte dos cruzados novos vão ficar retidos nos bancos. Mesmo assim, a ministra da economia Zélia Cardoso garante que o salário real será preservado”.

Informação chata. Gente chata. Aqueles malditos já tinham acabado com esse país... Para agora um engomado metido a pão... Quanta hipocrisia. Foi girando o botão do Sharp até chegar no 572 KHZ, melhor ouvir Baianos e os novos Caetanos já que a vida não era engraçada, quem sabe um sorriso forçado? Quem sabe lá no fundo não fosse sua obrigação não compactuar com a procrastinação intelectual?

- Ah! Coloca Bikini Cavado. É o que a turma ouve.

Continuava ali o petulante, e quanto mais olhava para a pele daquele rosto juvenil, mais espinhas e cravos infecciosos pareciam brotar. Por que ele não ia embora? Por que ele não era como os jovens de dez anos atrás que lutavam por alguma coisa, ao invés de coçar o saco e esperar égua boa na beira do barranco? Ah! É mesmo, naquele lugar não havia passado, futuro, ou presente, o relógio há muito se esquecer de girar. E quando o tempo para, não há cobrança, só lamento. Estar no meio daquela imensa planície vermelha era sua redenção. Era o céu infernal: a imensidão do campo sabe cobrar a memória, sabe lembrar a pequenez e a miséria humana. Pena que só sabe fazer para os miseráveis que aprenderam a pensar aquém da égua barranqueira.

-Moleque, saia daqui.

Os calombos no rosto do piá quase que escorreram lágrimas de gordura.

-Mas e se eu te ajudasse a colher o algodão? Dizem que você colhe sozinho até suas mãos sangrarem.

-Dizem muitas coisas moleque. Só não dizem aquilo que tem que dizer.

-Isso bem é. O meu pai...

-Não quero saber o que um velho burro diz. Some daqui.

O piá sorriu constrangido.

-Só não precisa ser mal educado.

É engraçado como se pode ter estado tão próximo do ápice da aplicação da língua portuguesa para agora discutir com moleque de égua barranqueira? Para ter o pé encardido de vermelho e lavar com bucha vegetal cheia de semente dentro? Na certa quem inventou o arcaísmo foi um sacana que gosta de rir dos trouxas que acatam essa ideia. E quem diria que cabelo ralo e corpo ereto poderia caber dentro de uma cabeça tão vazia? No fundo, ele era um moleque de égua barranqueira. No fundo, ele sempre soube que estava destinado a ter cabeça fraca que só pensa depois de ter visitado égua barranqueira por várias vezes. E por último, para concluir a reflexão besta: quem foi o burro brejeiro que disse que o interior desse país move alguma coisa? Move mesmo bosta de galinha pra fundo de açude e só. Mais nada.

\*\*

Acordou de manhã cedo, o Sol nem tinha aparecido para lembrar alguma espécie de nostalgia matinal alegre. Ele detestava acordar cedo e parecer um intruso no dia, notar o cabelo cada vez mais oleoso e ralo grudando no rosto. Isso de lavar pelo com sabonete de banha de porco é uma bela porcaria. Colocou a água para esquentar e só se levantou da cadeira de madeira pintada de azul claro ao ouvir a chaleira explodir em berros. Café pelando é bom. Lembra que a boca não aguenta quase nada. Girou o braço fino e um pouco flácido no moedor fixado no canto esquerdo da mesa. Aí veio aquele cheiro que faz o estômago revirar e lembra que bicho homem come. E olha bicho homem come de quase tudo. Colocou o pó no coador velho e fedido de outros cafés, em outros nem tão distantes e nem tão revigorantes. Todo dia era aquela bela porcaria, assim que terminasse de misturar pó e água vinham os primeiros raios de Sol. Aí ele lembrava do homem medíocre que sempre fora. Lembrava da caralhada de notícias de ontem, que reforçavam e cantarolavam no Sharp a bosta que era. A bosta de homem medíocre que era. Agora até os cabelos eram nojentos, nem para égua barranqueira prestava mais.

Levantou e foi em direção à caixa vermelha feita de camurça. A caixa não era grande, mas como papel cabe dentro das coisas. Cabe mesmo, um nada de espaço e dava para enfiar um tanto deles. Se árvore soubesse se multiplicar como eles, então não tinha desmatamento.

Ou quem sabe no fundo não quisesse admitir para si que a sua importância se resumia a uma caixa compacta? Que no máximo viraria um caixão de madeira um pouco mais grossa? Não, besteira, auto-depreciação. Abriu a coisa de camurça. Só que agora aquele lixo todo não despertava aquele prazer secreto, eram só papéis com anotações mal feitas e recortes de jornais velhos, recortes toscos. Então por que ele não jogava tudo fora? Então por que não contamos tudo para nossos amigos, por que por fora somos sempre alguma coisa um pouco diferente? Por que ele deveria se importar com aquelas malditas contas aprisionadas? Se ele não deixa o lixo do papel valioso no banco?

-O que é isso?

Lá estava o espinhento se esgueirando por entre a janela entre aberta. Por sorte, os cabelos sebosos dele taparam as sobrancelhas e o pia de égua barranqueira não viu sua expressão.

-Bem, que meu pai disse que você parece o mais estudado da cooperativa. Eita preula! É muito papel. Você

era famoso?

A fama tão escorregadia, tão regulada pelos ignorantes.

-Sai daqui moleque.

Aquele égua barranqueira colocou o dedo indicador sobre a testa como se tentasse cutucar o caroço cheio de pus.

-Vou te ajudar a colher o algodão.

-Sabe o motivo de eu estar longe das pessoas?

-O senhor fala umas coisas engraçadas. Quero te ajudar a colher, quatro panhas sozinho não é para qualquer um.

Os olhos castanhos dele com as pálpebras caídas e fazendo sombra, tornaram-se vívidos como se há muito quisessem entoar aquelas palavras.

-É porque eu não gosto de pessoas.

\*\*

Às vezes ele só queria ser uma águia com aqueles olhos tão sobre humanos para poder visualizar lá de cima, a beleza daquela terra vermelha contrastando com as maçãs ora verde ora lilás do algodão. E também queria ter o poder de ir acelerando todo o processo só para notar as plumas brancas desabrocharem da maçã. Aí seria uma imensidão de fileiras brancas se fundindo ao escarlata. Tudo uma espécie de grande tapete na giganteza daqueles dois alqueires, tão pequenos e tão enormes. Afinal, não é tudo uma questão de tamanho? De proporções o tempo todo sendo comparadas? Para no final tudo ser objetivamente subjetivo?

Duas longas semanas para estar colhendo ainda o final da primeira panha. A maldita primeira. As maçãs da segunda panha a muito desabrocharam acima da primeira nos pés do algodoeiro. Logo viria a chuva e levaria várias arrobas embora. Aí não importaria se um dia as maçãs liberam uma coisa branca. Se ficaria tudo vermelho em meio aquele pó sem fim. Por que as estações vão retirando a água do nosso corpo? Não se trata disso, essa coisa de envelhecer ir perdendo pouco a pouco o líquido das células até tudo ser comparável a uma maçã podre?

-Eu vejo que está ficando difícil para o senhor. Já disse que posso ajudar.

Lá estava o escroto espinhento na beirada da porta. Sempre estava lá. Gozado quinze dias depois e já vem o sempre. Piá de égua barranqueira conseguia aparecer no justo momento em que ele estava com os papéis da caixa de camurça vermelha. Nas suas lembranças sem gente. Quando é que entenderia que mudar de ideia é só desculpa?

Engoliu o café devagar, recolheu os papéis a sua ordem e calmamente se dirigiu ao galpão, com a marmita e água já devidamente engarrafada, para ouvir o seu Sharp, como se não houvesse égua barranqueira nenhuma. Como se não houvesse alma ou bactéria pulsante. Mas, as espinhas são algo determinado. Elas podem durar a puberdade toda, e teimosamente vão resistir a qualquer remédio da farmácia, do terreiro ou do fabuloso número de combinações de ervas indígenas. Então as espinhas ficavam ali nos dois alqueires do algodoeiro o dia todo. Espinhas não se importam em serem bem-vindas, ou aceita ou sofre ainda mais.

Girou o Sharp com a mão esquerda ouviu aquela ladainha sobre o caçador de Marajás, juntou alguns fardos e foi. Começou a colocar o ouro branco dentro do fardo amarrado na cintura. Aí foi pesando. Aí foi doendo a coluna e o braço. E o égua barranqueira ali sempre pronto, como se a esticar, como se eriçar e gritar do alto de

seus calombos oleosos que estava pronto.

-Só me responde uma coisa moleque: por que está aqui?

O piá se sorrindo todo, se eriçando todo não se acreditando do diálogo que fluía respondeu.

-É pelo meu pai senhor, ninguém o pega para o serviço. Tá todo mundo perdendo tudo, sem o dinheiro do banco. O algodão está sem preço de mercado. Ninguém compra, ninguém vende e ninguém contrata. Aí disseram que pro senhor nunca falta trocado, que sempre tem, dizem que não acredita nos bancos e nem no governo. Dizem muitas coisas sobre o senhor. E quem sabe dá para juntar uns cruzados novos ou cruzeiros o diabo que for pra comprar um violão?

-Amarra aquele fardo, que tá ali do lado. E vê se fica quieto, falar muito estraga a mandíbula e pode me fazer mudar de ideia.

O piá quase que se eriçou e se gritou por dentro de tanta alegria, quase.

Ele só conseguia sentir nojo do cabelo velho e sebento que era. De saber que no fundo ainda sentia prazer de foder todo o resto. De fazer à coisa toda depender dele, mesmo tendo plena consciência que a única bosta era ele, de não conseguir valorizar gente de coração puro. Ah! Os vícios resquícios nunca se vão.

\*\*

O piá de égua barranqueira era bom com as mãos, ágil nos movimentos. Em menos de 40 dias estavam quase terminando a última panha. Entre uma maçã e outra, com os chapéus a cobrir os rostos ele podia notar o desejo daqueles caroços de gordura em ter um violão estúpido, um desejo muito maior que a vontade de solucionar a impotência do pai burro. Ele gostava de vislumbrar isso, gostava que o individual ficasse acima. Dava mais graça. Tornava a coisa mais humana. O piá menos tosco. Pena que em pouco tempo o barranco se mostraria mais filha da puta para aquele imberbe columbento. A égua ficaria mais eriçada.

Os calombos apareciam na mão dos dois, as frases se tornavam menos dolorosas para ele. Bom ver gente com ambição admirando a gente. Bom ver gente vendo a gente como modelo. Admirando a gente. Bom ver gente admirando. Tão bom que é melhor nem pensar por demais no ontem.

Veza em quando dava até para preparar alguma comida diferente para levar e matar a fome depois de seis fardos por dia. Veza em quando pareciam se conhecer a vida toda. E veza em quando, a esse veza em quando querendo virar sempre.

\*\*

Aí um dia, os fardos, as maçãs, e uma história que ele começou a contar sobre os malditos milicos burros, foi tudo ficando muito pesado. E cadê água? E cadê água que não tava na bolsa térmica? E ele tão cansado, dos milicos, dos fardos, das maçãs e o égua barranqueira parecia cada vez meio que menos espinhento, meio que mais esperto, meio que mais ambicioso, meio que vendo o homem tão contra o sistema que ele era, tão contra esses marajás otários, então porque não pedir ao moleque para ir à casa tosca de madeira pegar o líquido que os refrescaria? Ah! Tosca confiança.

Pois que o égua barranqueira foi lá. Abriu a porta com cuidado, pediu licença na mente por educação. Pois olhe como o senhor era desatento esquecera as garrafas em cima da mesa. Pois olhe que um dos papéis estava fora da caixa vermelha de camurça. Pois que vamos guardar tudo e deixar tudo em ordem, como diria o pai bom trabalhador faz antes de pedir. Pois que olhem os papéis, pois que olhem as anotações não pode ser. Pia égua barranqueira era burro, mas aprendera tanta coisa com ele, que entendia tudo.

\*\*

-Tá aqui sua água senhor!

E meio que jogou as garrafas no colo do homem sentado de cócoras próximo ao trator. E meio que amarrou o fardo na cintura com raiva, e saiu que nem égua barranqueira bem eriçada bem empinada, bem com sede e raiva indo enfiando maça no fardo. E sumiu-se nas fileiras do algodoal, tão dual, tão branco e tão encardido. Deus, por que as coisas tinham de ser assim? Por que não existia gente completamente boa e completamente direita. Pois bem! Que o pai mandou ele não dar trela pra Jaguará esquisito, que sequer fazia aceno de mão quando passava carro ou bicicleta, que não tava nem aí para os outros da cooperativa. Nem aí, se os meninos não teriam mais cruzados novos ou cruzeiros ou o diabo que fosse para gastar tomando uma sodinhas no bar do seu Raulino, com as havaianas azuis e brancas encardidas cada vez com mais pregos, com a coisa toda a cada dia espetando mais. E o homem sempre se aproximando mais dele, colocando mais quirela na sua marmitta, dizendo que os boias-frias são usados pelo sistema e que Bikini Cavado é cultura de massa. Mas que diabo era isso tudo? Que diabo se ele adorava um bom prato de macarronada. Pois bem, que uma coisa nada tinha que ver com a outra e agora ele entendia. E correr para acabar toda aquela panhada de maçã, aquelas maçãs feias, aquela vida desgraçada. Bom mesmo era o violão. O som dos pássaros não aquele sol quente de coisa ruim, que formava vermelhão na pele. E ele não aceitaria mais nada daquele velho de cabelo ralo grudado na cara. Só terminaria a servissera toda para ganhar cruzados novos ou cruzeiro ou o diabo que fosse, para comprar o violão ou dar uns trocados para o pai se o tratasse de adulto para adulto. Já era um homem, e bem sabia disso. E homem que é homem é digno e respeitador, e aquele velho isso não era.

\*\*

E cadê o moleque espinhento e calombento que sumira por entre as panhas? Pois que aquele moleque aparecesse se não quisesse apanhar e ficar de queixo quebrado. Pois que era por isso que ele não gostava de gente. Gente não é que nem bicho ou égua barranqueira que sabe esperar no declive e estar prontinha. Gente vai se aproximando e vai entendendo o jeitinho que tem de fazer para não fazer nada. Ah! Mas ele ia atrás daquele égua barranqueira e falar tudinho: que se não trabalhasse no horário certo não ganharia cruzeiro nenhum. Ah! Mas não devia ter colocado quirela a mais. Um pouco mais de caldo e banha de porco no feijão e a gente já tá montando em cima. Já tá querendo rouba a égua barranqueira dos outros.

Pois que caminhou por entre as fileiras daquele lugar tão dual, até chegar meio que perto do final, onde já começava a ter cerca de arame farpado e do outro lado um pouco de mato e um barranquinho, lá por onde começa a beirada da nascente. E não é que ele viu o égua barranqueira na beirada do barranco? Com a camisa toda a vermelha, as mangas dobradas e o chapéu em cima do rosto. O maldito tirando cochilo, e ele lá meio que se aproximando do lugar do égua, o sangue fervendo e o cérebro gritando mais que chaleira no cio.

- O moleque e o trabalho? E as panhas?

O égua barranqueira foi tentar sair do barranco, mais doeu demais o tornozelo. Tinha se vindo tão rápido mais tão rápido, de raiva de vontade de ir na nascente e matar a sede e matar tudo que virá, que tropeçara em um tronco de árvore, e tava ali com uma das patas torcidas completamente.

-Torceu o pé?

E ele foi se aproximando do égua barranqueira que não tava em bom dia para retribuir agrado no barranco, que não fez nem conta do agrado. Ah! Ele não ia aguentar, não ia.

-Olha senhor vou continuar os trabalhos, vou ganhar meu cruzado novo meu cruzeiro ou o diabo que for. Mas, nada de quirela a mais na minha marmitta. Sou seu boia-fria e só.

O homem quase que teve um susto, como se vissem ele e o égua ali no barranco. E ele todo nervoso, todo suado. Olhando aquela maldita terra vermelha, depois meio que vendo aquela caixa vermelha. Será que era caixa? -Ah! O senhor é esperto deve saber do que eu to falando. E lá em casa a gente sempre aprendeu a falar tudo. E cueca do pai também é do filho. Você me ensinando tudo às coisas lá das cidades grandes, e falando de direitos, e falando dos milicos que nós nem tomamos conta direito aqui.

E ele suando, e ele se sentindo um velho, velho de si mesmo.

-Ai, sei que no que é do outro não se meche. Mas eu vi o papel que esqueci e sabia que era daquela caixa vermelha. Que você sempre meio que deu a entender que era algo só seu. Mas, aí eu vi lá dentro as anotações. Eu não sei muito bem o que é, mas percebi que não era coisa boa. Em um dos papéis você dizia “1965- O berço do herói não passou por nós”, depois tinham umas anotações sobre o Raul Seixas que eu gosto tanto. E foram tantos anos e tantas anotações. E uns jornais com revista de bolo. E aí o senhor apareceu aqui há alguns anos tão de repente tão esquisito. Boa coisa não deve ser.

O égua parecia aliviado de dizer aquelas coisas. O égua se aliviava bem rapidinho. E estranhamente ele não estava com raiva de toda aquela barranqueira. E ele deu sorriso e de repente se sentiu meio Getúlio, meio que um pai que sente alguma coceirinha pelo filho. Pegou vagarosamente o piá no colo e de repente sentiu carinho por cada um dos calombos do rosto oleoso. Ele meio que quis espremer cada um com a própria língua. E fitou como quem tudo sabe com aquelas pálpebras caídas os olhos daquela puberdade tão inocente.

-No caminho eu explico tudo. Explico tudinho.

No fundo ele era um adestrador de égua barranqueira. E se égua gosta daquilo? Por que não ensiná-la a fazer cada vez melhor. Ele se sorriu por dentro. Ele podia ver o branco do algodão ir ficando vermelho. No final a maçã que floresce branquinha vai parar na cera de ouvido. Essa é a lei. Ele se sorriu mais ainda por dentro: e quando o égua barranqueira descobrisse que ele não havia podado apenas ideias? Quando ele descobrisse que ele conhecia os milicos ainda mais por dentro?

Isso seria para um outro dia, para um barranco ainda mais difícil de penetrar. Agora ele só queria caminhar com o égua barranqueira para sempre por aquele algodoal dual.



*João*

*e*

*José*

**F**oi no quarto de tons pastéis, no segundo andar do sobrado, que encontraram o corpo de um deles estendido no chão. As duas balas cravadas no peito eram o desenho de um quadro que não poderia ser repintado. Ao lado estava o outro idêntico ao cadáver, com os imensos olhos amendoados distantes, as expressões leves e um sorriso que esboçava paz.

Pois, quando os policiais se aproximaram ele não teve dúvidas:

-Fui eu que matei meu irmão.

\*\*

Quando se perde tudo o negócio é recomeçar sempre. Sempre. Até querer dizer chega mais uma vez. Porque essa coisa de mudança vicia, e muito. Mas, e se tudo for o reflexo das mesmas coisas? E na mesma faceta? Então a mudança seria uma forma de deixar tudo igual. Tudo tão como antes. Uma questão de equilibrar a balança mal encaixada: os dois lados completamente semelhantes, com a mesma quantia de peso, com o mesmo corroído de metal velho. Seria esse o caso?

Reflexo, fotocópia, mesmo código genético. Chame como quiser: José e João, os gêmeos mulatos que chamavam a atenção por onde passassem. Os corpos bem desenhados os dentes grandes e brilhantes, a pele dourada, o hálito fresco, os olhos amendoados, o gingado sutil em cada passada. Ambos eram a tentação de homens e mulheres, uma perdição latejando a centímetros da casa dos vizinhos.

Os dois tão unidos, tão uma coisa só, tão gêmeos.

Com seus oito anos passaram pelo que para outras crianças seria um grande trauma: os pais foram achados inertes na cama imunda, naquela casa repleta de ratos e baratas.

Overdose certa. Overdose certa demais.

Mas, os gêmeos acostumados a serem pesos mortos não esboçaram reação ou sofrimento. Pareciam estar contentes: o inferno seria melhor que aquele antro. Ao menos, um deles sentia um alívio, uma sensação de plenitude e onipotência infindável. Já o outro jamais conseguiria retirar do peito o rancor e a sensação de impotência. E um dia o silêncio seria quebrado. E um dia, todos entenderiam que não existe gêmeo igual. Que debaixo do face a face, das camadas de pele, músculo, osso: há um cérebro com sinapses próprias, com horrores que se desenham individualmente.

\*\*

Depois da tragédia, as duas crianças foram levadas para morar com a única parenta viva: a irmã de sua mãe, que vivia em um bairro de classe média em outra cidade. A mulher se chamava Teresa, de estatura mediana e olhos tão redondos que pareciam duas bulicas pretas. Sempre olhava os garotos como cúmplice. E nunca os contradizia: se quisessem brincar até tarde na rua, podiam. Se pedissem uma roupa nova, ganhavam. Se queriam faltar a aula, faltavam. Aqueles olhos redondos tinham medo: Tereza deixava os meninos na parte debaixo do sobrado à noite, e se trancava lá em cima no quarto de tons pastéis com três cadeados.

Então os dois mulatinhos, que foram crescendo e se tornando homens na velocidade de parágrafos históricos, tiveram da tia de classe média, do bom e do melhor. Nas escolas particulares se destacavam pela criatividade, tinham uma espécie de raciocínio rápido o suficiente para encontrar as soluções mais mirabolantes e resolver os problemas.

Rápidos demais.

O vocabulário e a lábia afiada surpreendiam os professores: ou seriam muito, ou seriam nada.

\*\*

- Tia, tia Tere. Você está aí? O José está passando mal lá embaixo.

Teresa destrancou rapidamente a porta, e desceu a escada vermelha de camurça com o coração aos pulos.

-José? O que você está sentindo?

O menino a fitou como se estivesse indignado:

-Não sou José. Sou João. Já faz cinco anos que estamos aqui e você não percebeu titia?

A mulher ficou assustada com aqueles amendoados olhos castanhos. A voz ficou pigarreada:

-Ou me desculpe João. É que seu irmão....

-Ou tudo bem titia. Estou passando mal, mas é de saudade mesmo... A senhora se tranca lá em cima.... Tão longe.... E as vezes sinto medo à noite. Às vezes é como se você tivesse medo da gente.

As bulicas redondas quase saltaram para fora das pálpebras. O mesmo diálogo astuto, a mesma chantagem velada, e os mesmos olhos insinuantes. Ela já tinha visto aquilo uma vez... Ela sabia muito bem onde tudo aquilo iria parar. E cadê José? Se ele estava tão preocupado com o irmão.

Teresa correu. Como fora tão burra? Antes de cruzar pela porta, o menino sorriu e cinicamente proferiu:

-A propósito sou mesmo o José.

Teresa já estava subindo as escadas de camurça, quando ouviu aquela voz:

-Está me procurando titia? Não se preocupe não ia ficar fuçando seu quarto. Só deu fome e vim aqui na cozinha fazer um lanche.

Os lábios dela se esticaram como as faces de um ventrículo. Ela subiu as escadas e respirou aliviada: o gravador estava exatamente no lugar que deixará. Os áudios intactos.

\*\*

Os mulatos anos mais tarde passariam em uma faculdade pública no curso de odontologia. A essa altura Teresa conseguia distinguir bem ambos. Embora fossem bastante populares e comunicativos, João vez em quando tinha o olhar distante, como se a lembrar de alguma coisa. Algo que parecia se repetir como um desses DVDS infantis que os pequenos insistem e vislumbrar um trilhão de vezes. Fora isso, poderia se dizer que eram estupidamente iguais.

A foto dos três em frente à escada vermelha comemorando a aprovação do vestibular foi o último registro de Teresa viva.

Dias depois, seu corpo seria encontrado no chão do quarto de tons pastéis. Os policiais tiveram de arrombar a porta com os três cadeados, depois de receberem o chamado desesperado dos sobrinhos, que ouviram o som de dois disparos. Ao lado de Teresa estava um gravador cheio de faixas antigas com ideias de projetos, com listas de afazeres, e a último áudio com a seguinte mensagem:

Me desculpem João e José por deixá-los dessa maneira. Vocês sabem o quanto os amo. Mas agora vocês estão crescidos e já conseguem se virar. Espero que lembrem de mim.

Ninguém se deu conta que as numerações entre as faixas não eram sequenciais: dá cinco pulava para nove, da nove para onze....

\*\*

- Agora somos só nós de novo. Não é maninho?

Depois de falar em tom carinhoso José afagou a cabeça do irmão. Os olhos de João estavam ainda mais dis-

tantes:

-É o que dizem maninho: gêmeos não se separam nunca.

-Fico tão feliz de a gente se entender tão bem. De saber que no final sempre dá certo. Cê sabe né maninho?

Que fizemos sempre tudo juntos.

João engoliu em seco:

- É tudinho. E você me perdoa?

José sorriu maliciosamente:

-Maninho. Nós somos farinha do mesmo saco. Titia sempre soube. Quem tem que me perdoar é você. Aliás, nem precisa né?

- Claro que não. Sem essa de perdão, quando se trata da mesma farinha.

Os dois se abraçaram e sorriram. Continuaram a morar no sobrado. E acostumaram-se deparar com as feições de compaixão dos vizinhos. Os cinco anos do curso de odontologia passaram tão rápido como uma escovação mal feita. Mas, por outro lado, para quem guarda um segredo o tempo passa a ser um suplício.

\*\*

João parecia apreensivo, o olhar distante agora vislumbrava alguma coisa:

- Nossa, fazia um tempão que não subíamos ao quarto da titia.

-Fiz questão de manter essa lembrança intacta.

- Sabe de uma coisa maninho, eu fiz questão de guardar todas as faixas especiais da tia Teresa.

José não pode conter o sorriso. Aquilo era melhor que encomenda.

- Ô maninho tava fazendo surpresa é? Você me disse que tinha excluído tudinho.

- A maninho! Tava fazendo surpresa. Guardei para uma data especial.

José sorriu e afagou a cabeça do irmão com carinho:

- Guardou uma surpresinha quente: para o nosso dia de formado.

João sorriu maliciosamente:

- Sim. Como disse para uma data especial.

-Coloca ai então.

João tirou o laptop da bolsa sentou-se na cama e abriu as faixas. José permaneceu de pé, empolgado. E novamente era como se a tia Teresa com sua bulicas pretas estivesse ali:

É estranho o jeito desses garotos. Parece que eles me olham como se fossem fazer alguma coisa. Estão sempre trapaceando, roubando pequenos trocados dos vizinhos que nunca suspeitam. E parece que quando somem os gatos da vizinhança.... Eu não sei, eu escuto uns barulhos estranhos na parte de baixo.... Deus será que estou sendo muito má? Será que só eu vejo? Você sabe meu Deus, o quanto tento me afastar desses pensamentos. O quanto guardo boa parte das minhas economias para a educação deles, para quem sabe com os estudos. Quem sabe eles mudem?

Os dois riam às gargalhadas.

Eu sinto tanto medo. Já se passou tanto tempo, e ainda assim meu Deus continuo dormindo com a porta trancada. Sei que se fosse para fazer alguma coisa, eles já teriam feito. Sei que não deveria pensar assim. Mas, alguma coisa me diz, entende? Eu sei. Eu sei que é genético: eu via papai persuadir mamãe, bater nela e ela ainda achar que estava errada. E depois, eu a vi atirar em um cara por apenas alguns trocados pingados. Depois, ela...

Ela o picou em pedacinhos e o jogou no rio. Fez tudo isso às gargalhadas. Disse que eu não deveria ter medo, que o cara tinha já tentado fazer coisas erradas com ela. Ai, ela se envolveu com aquele sujeito, foi parar nas drogas, e teve o João e o José. E eu nunca esqueci... Nunca me esqueci daquela cena, e das coisas que alguém de nossa família pode fazer. Mas, Deus me diga que eles não são iguais à mãe. Por favor, me diga...

José aproximou-se de João, mais perto, e afagou sua cabeça com excessiva ternura:

-Sei que essas histórias podem ser difíceis para você, mas eu te protejo maninho.

O olhar de João ficou compenetrado e o tom doce:

-Eu sei maninho, você sempre me protege.

- Me diz que não foi ótima a ideia de fugir pela janela, e deixar a porta trancada?

-Foi sim.

-Não falei que os trouxas não iam desconfiar de nada.

-De nadinha, maninho.

João apertou o play de outra faixa.

Eles são tão iguaizinhos na aparência. Mas de uma coisa eu sei: o João é diferente. Os olhos dele estão às vezes distantes. Como se ele lembrasse alguma coisa. E por isso, ele é o que mais me assusta. Eu sei que é ele quem faz as coisas.

José riu e algumas gotas de urina escorreram por entre o short.

-Maninho, titia não sabia de nada. Mas, você não se importa né João? O importante é o resultado. Sem essa de se prender aos nossos tratos e acordos, né cúmplice? Afinal, no fundo sempre fizemos tudo juntos né?

-É.

-Eu te amo maninho.

Foi então que a vizinhança pode ouvir o som de dois disparos vindos do quarto em tons pastéis.

\*\*

Pois, quando os policiais se aproximaram ele não teve dúvidas:

-Fui eu que matei meu irmão.

E complementou:

-Fui eu que matei João.

Depois de ser levado à delegacia ficou claro para os policiais que José esperou se formar em odontologia antes do crime, assim teria direito a uma cela separada. Eles só não questionaram porque dessa vez José não tentara fugir.

Sentindo-se confortável entre as paredes de tons pastéis do recinto, José confessou os assassinatos com muito divertimento:

-Gosto de deixar a coisa entre família sabe? Essa coisa de ver sangue jorrando no chão é muito íntima, não é mesmo? Então comecei com aqueles porcos malditos, que só faziam meu maninho João sofrer. Esperei o dia em que ficaram mais chapados, e fiz tal qual vi na TV: peguei os travesseiros e coloquei na cara deles, até que não respirassem mais. Já com a titia Teresa foi diferente. Tadinha, tinha tanto medo, mas tanto medo, que eu só quis dar uma paz para ela. Levei-a lá para cima com a arma apontada na cabeça. Fiz ela trancar os cadeados e antes de atirar mandei gravar aquela mensagem. Enquanto isso João ligou para vocês, e eu fugi pela janela. Veja só: a janela aberta e ninguém diz nada? Na certa as suicidas gostam de um pouco de ar fresco, e por outro

lado éramos meninos tão bons. Bem acho que é isso. Sobre meu maninho: amava demais o João. Sabe, uma vez fiz um pacto com ele: que mataríamos aqueles monstros que os outros diziam serem nossos pais, juntos. Mas, eu fui lá e fiz tudo sozinho. Não respeitei o acordo, porque eu sempre soube que meu maninho não tinha estômago e que eu tinha o dever de protegê-lo. Depois falei que o deixaria matar titia, mas acabei não deixando também. Ele ficaria mal. Sabe ele sempre foi meio distraído, e parecia estar sempre revivendo todas as cenas de novo. Matei ele para que não sofresse mais. Amava demais meu maninho. Gozado né? Se ele fosse como eu teria se vingado!

\*\*

José foi levado até a cela individual, e se tia Teresa estivesse ali perceberia que agora o sorriso de satisfação fazia companhia ao olhar distante

João sentou-se no chão da cela e gargalhou até pensar que iria explodir. Estava vingado, e seu pensamento acrescentava um novo tom ao velho ditado “rir por último é muito mais gostoso”.

E vai que um dia, todos entendessem que não existe gêmeo igual?



*Barriga d'água*

**A**s barrigas altas e redondas, quando juntas formavam espécies de abóbodas brincando de espirais. E como tinha abóbodas aqui e aco lá. Eram bonitas, vistosas, lubrificadas e meio fálicas. Faziam contra ponto irônico com as vastas planícies: finas, extensas, infinitas.

Barrigas femininas, barrigas masculinas, barrigas infantis. Barrigada na água e barrigada no asfalto. E como gostavam de contorcer as próprias gorduras juntas, como se tocavam suadas e sublimes fosse no frio de julho ou no calor escaldante de agosto. Bastava se cruzarem na listras esticadas da faixa e já começavam a dança. E que dança.

Não demorava muito e os falos masculinos, os falos femininos, e os triângulos com pelos eram postos para fora. Ai vinham os sons circulares, que chamavam outras barrigas. As pequenas também queriam brincar, mas começavam devagar acariciando os triângulos não tão bem desenhados.

As mãos deslizavam tocavam a própria barriga tocavam as outras barrigas, depois desciam para os falos, conversavam com os triângulos. E os umbigos se sentiam tão livres, tão elípticos, finalmente cumpriam o auge de sua existência estética. Os líquidos salgados brotavam dos poros, brotavam como alimento dos pelos, brotavam como água que vai percorrer vielas microscópicas. Depois vinham os cheiros ora azedos, ora doces. Cheiro doce às vezes fundido com cheiro de morte próximo. Tudo dependia do dia e das barrigas envolvidas. Quando as barrigas se tocavam, e faziam a dança se cumprimentavam, se conheciam: falos e triângulos conversavam e estabeleciam o primeiro contato. A dança ocorria todos dias a qualquer hora: bastava duas barrigas (ou mais se encontrarem), para o ritual ocorrer.

Até aquela tarde gélida e calorosa, em um só tempo, chegar. Ali as coisas se tornariam estranhas como entranhas que emergem: uma barriga chapada e sem pelos apareceu decorada com uma blusa branca e lisa, as outras se aproximaram para começar o ritual fálico, os instantes em que trocariam fluidos entre falos e triângulos, os instantes em que se converteriam a uma coisa só, os instantes mágicos que tornariam aquela estrutura chapada uma deles. Uma barriga que mesmo extremamente lisa conseguiria alcançar algum significado, uma vez, que somente aquele ato dignificava as barrigas como humanas, era Darwin gritando, Darwin droga! Essa merda toda de Ilhas Galápagos.

Aí veio o primeiro porém, a grande barrigada que não envolvia suco gástrico. Se tratava de moral ou ética ou alguma coisa que signifique respeitar valores culturais: a barriga chapada não mostrou sequer o umbigo, um aceno ao longe e se foi. Ela não parecia se importar com falos entrando em orifícios de triângulos, com os gemidos geométricos, com a sudorese coletiva intensa e extensa.

Pior. Negligenciar uma das etapas é contundente, barriga nenhuma irá necessariamente se deliciar com cada etapa do processo: agora negar a maior das experiências sinestésicas, o ritual sublime da existência, não ter tocado nenhum dos falos e triângulos peludos desconhecidos durante as horas que ali, isso não tinha explicação racional que pudesse explicar.

\*\*

Tudo virou um jogo de pontas espalhadas em alguma forma difícil de explicar. Porque o lugar não tinha lá tantas barrigas, mas não é preciso muito para ter versões diferentes, na verdade bastam duas para os fatos ganharem contornos diferentes. A versão corrente foi repetida pela milésima vez por uma flácida de pós operatório: - Nem sabemos se era completamente chapada, a blusa não permitia essa visão. O fato é que passou reto por falo, triangulo e tudo, e seguiu seu rumo. Eu mesmo cansada a segui por algumas vielas e foi o que vi.

A questão é que algumas barrigas, geralmente com piercing brilhosos e coloridos, queriam chamar a atenção. O que dificultava a investigação:

-Meu queridos. Quem não notaria essa maravilha (aponta para o piercing)? Quem não iria querer passar a mão no meu triangulo peludo, e com tantas facetas ocultas? Estou dizendo aquela barriga esquelética realizou o ato sublime comigo.

Essa barriga em questão possui um piercing que mais parecia um pinheiro de natal, e embora fosse redonda e vistosa como uma espécie de dançarina do ventre não tinha muita credibilidade na praça. Não realizava o ato por sua magnitude e significado para além do material, queria apenas exibir seu pinheiro.

Por conta dessas e outras invenções realizaram exames nas que diziam ter trocado fluidos com a chapada, contudo, os resultados eram sempre negativos. As versões não eram inconclusivas: os triângulos não mais formavam quadrados perfeitos quando justapostos, havia sempre uma ponta para fora. E os falos deixaram de ser tão vistosos: seus líquidos eram agora escorregadios, amarelados, sólidos em demasia.

Foi aberta uma CPI. Meses e meses para o relatório final atestar em letras garrafais: INCONCLUSIVO. Ai as barrigas foram atrás de outras respostas: só poderia ser uma alienígena investigando o ato sublime, alguns atestavam se tratar de um espírito por isso não podia encostar em ninguém, outros acreditavam ser uma tentativa de golpe militar que quis desestabilizar as barrigas, havia também os judas que não viram nada e duvidavam de tudo.

Independente da hipótese aquela chapada sem pelos bagunçou o imaginário daquele antro barrigudo. Alguns hereges chegaram a questionar a veracidade dos instantes sublimes de fluidos. Algumas barrigas se indagavam secretamente, e se ela for uma entidade superior? E se tudo isso for errado? As dúvidas cresciam e a incerteza aplicava nós de escoteiro nos intestinos. Todos esperavam pelo instante em que a bolha fecal explodisse, mas não aconteceu.

\*\*

Aí veio a água. Não pingos translúcidos, incolores e neutros: eram gostas e mais gotas em quantidade inestimável de tonalidade cor de rosa. Sim. Choveu rosa por dias, por meses, e por anos. Sem trégua, sem um misero instante de pausa. As barrigas foram adquirindo a mesma tonalidade da água. Depois foi a vez dos falos, até chegar nos triângulos peludos. No fim tudo e todos tinham cor de flor. Ai chuva sem mais nem menos foi-se embora conversar com outras barrigas em longínquos vilarejos (quando ninguém mais sabia ser isso possível). Foi-se embora e levou todo o rosa e toda a lembrança dos anos de água e daquela barriga chapada e sem pelos, e a vida seguiu estranhamente igual era antes. Sem ninguém questionar absolutamente nada.



*Boneca de plástica*

O pai pouco esteve presente. Ela não conseguia entender direito os motivos. Seus treze anos até podiam ser mais maduros que os treze de outras, mas quem foi o imbecil que quis associar a maturidade a ter todas as respostas? Uma coisa seus treze já sabiam: o tempo trás mais indagações e formula melhor as perguntas, o resto é hipocrisia que enche prateleiras. Imagine, ela via os pais discutirem tanto para de repente, o pai sumir por uns dois ou três meses (em tempo de criança e tempo de adulto).

E todo o primeiro parágrafo com descrição psicológica para que? Para dizer, que uma lembrança em especial ficou atrelada a sua mente possivelmente por se relacionar aquele homem mais velho com quem compartilhava conversas e metade do próprio DNA. Pois bem, a mocinha dos treze havia ido à festa junina de seu colégio cinzento e de puro concreto. A mãe, mulher sempre atarefada e preocupada com a empresa e a casa, que no fundo eram extensões de seu cérebro aparelhado e bem polido, não pode ir. Em um raro lapso de bondade autorizou o homem a levar a garota.

O resultado foi um bonequinho de plástico na pescaria.

-A prova da nossa amizade, né pai? Nosso segredo maior! Sabe como ela (a mãe) odeia derivados de petróleo.

-Não precisa me repetir: agriem a pele.

-A maldita pele.

-Ei! Gosta de falar maldita! Mas, você criança de nove anos não pode.

-Tenho treze já. E são doses diárias de hipocrisia em minhas veias infantis.

-Convenções do mundo adulto.

-Então você não é adulto.

-Por que filha?

-Gosto quando me chama assim. Quase esqueço os meses longe.

-Não respondeu a pergunta.

-Não fez um comentário para me consolar. Quis dizer que você é excepcional!

-Excepcional é sua palavra nova?

-Minha nova palavra preferida.

Os diálogos entre eles sempre eram efervescentes. Rápidos e ao mesmo tempo como vinho que sempre volta à boca.

E assim, ela olhou ao longo do dia várias vezes para o tal bonequinho de plástico de tom amarelo mostarda e com uns cinco centímetros mais ou menos. Há treze e tantos anos, nem se deu conta de carregar um plástico em formato de diabinho, seu estômago revirava de alegria ao lembrar do dia com o pai.

Só faltava a noite terminar bem, e quase terminou. O pai por um milagre dormiria em casa. Lá pelas onze horas ela pediu benção para o homem de olhos redondos. Mas, onde estava o danado do bonequinho? Onde estava a coisa de cinco centímetros? Procurou por uns vinte minutos e nada “melhor não contar para ele, senão vai achar que eu não valorizo as coisas pequenas e os gestos intrínsecos a elas”.

\*\*

Um barulho forte no corredor, o pendurador de roupas caído, um cabide estranhamente contorcido e uma garota de treze e tantos chorando, chorando como uma garotinha de cinco, enquanto o pai a olhava sem entender muita coisa.

\*\*

Será que algum dia Cristina entenderia o que se passou naquela noite? Cristina não sabia se desejava chegar a qualquer resposta, na verdade, há muito arquivara aquilo no seu inconsciente. De certa forma, fora um evento traumático que se afastava da estrutura lógica que se adaptara a acreditar. Hoje, a Cristina adulta se sentia muita mais próxima à figura estranha e desajustada que via em sua mãe. Quase que batia a culpa, quase. Logo ela se lembrava que depois dos quinze nunca mais viu seu pai: o homem dos diálogos brilhantes se silenciou. E a dor da ausência não faz apenas coceira no peito, corrói minúsculas doses diárias de amoníaco. Mas o que faz uma informação pulsar outra veste do inconsciente para o consciente? A resposta de Cristina era um novo evento traumático associado ao primeiro.

-Não pode ser! Isso não existe!

Ela estava caminhando perto de uma casa azul claro, quando sentiu um desejo imenso de cruzar o portãozinho de ferro e dar uma volta ao redor da calçada vermelha de pedra um pouco descorada pelo tempo. Lá, uma mulher com cerca de um metro e cinquenta de altura e cabelos oleosos presos em um coque ala evangélico conversava com ELE. Cristina se escondeu em um vão.

Terminada a conversa, ELE se dissolveu e o ambiente cheirava a canela.

Em princípio, Cristina sentiu medo com raiva. Pensou em sumir e esquecer aquilo tudo, assim como fez lá com seus nove e tantos, mas agora não dava. Agora, ela compreendia a razão dos diálogos efervescentes: era uma jornalista e não podia se dar ao luxo de perder tamanha oportunidade. A mulher já dava as costas:

-Ei, você! Eu vi tudo. Sei o que está acontecendo.

A mulher escondeu ao máximo o nervosismo:

-Sabe do que garota?

-Não se faça de tonta. Ou vai me dizer que estou louca?

Aqueles cabelos oleosos quase saíram do coque, enquanto a mulher gargalhava. Cristina se manteve impassível.

-Quero uma entrevista exclusiva com ele! Você pode passar o recado?

-Sai para lá garota.

A mulher novamente deu as costas.

-Eu juro que comigo ele realmente vai poder ter fala.

A mulher não se virou.

-Sou uma jornalista bastante conhecida.

A mulher parou de andar e calmante se virou.

-Posso confiar em você?

-Em nome do Senh... Ops!

E assim, Cristina pode entender que não estava louca com seus treze e tantos quando aquele diabinho amarelo apareceu correndo e derrubando o pendurador. O diabo existe. E Cristina teria uma entrevista exclusiva com ele.



*Nesse mundo*

**A**s vezes nossa cabeça rodopia, e as luzes formam pares de dança: azul com vermelho, amarelo com verde, rosa com cinza. E depois os pares se trocam. E as luzes viram pessoas: primeiro elas são enormes e rapidamente vão se encolhendo, aí se distorcem para finalmente virar um pó esbranquiçado, e depois uma massa incolor. Cristina queria pegar a massa. Tocou vagorosamente morde-la com força, ataca-la na parede. Mas, não podia e de que adiantaria? Quem conseguiria entende-la? Mesmo que as pessoas vejam as luzes, todos dizem que isso não existe.

Todos diziam á Cristina parar com as mentiras.

A mãe disse:

-Cristina não minta.

O pai disse:

-Cristina pare.

O irmão não disse nada, mas surrou-lhe a boca.

Cristina dos cabelos castanhos e lisos até o ombro não mentia. Cristina dos cabelos castanhos e lisos até os ombros, escrevia sobre aquilo que via, não mentia. Cristina dos cabelos castanhos e lisos até os ombros, escrevia sobre aquilo que via e precisava mostrar a verdade para os outros, não mentia.

Uma vez ela ainda com seus nove anos, estava sentada no ônibus ao lado da mãe. Os olhos fixos fitavam um ponto incompreensível para os outros. Cristina só piscou novamente, ao ouvir os berros da mãe desesperada:

-Estou a cinco minutos te chamando e você não me responde Cristina. Por Deus pare de fazer troça!

-Mãe! Eu não fazia troça, é que eu vi uma coisa.

-E o que você viu? – perguntou a mãe em tom de deboche.

-Eu vi um lugar onde as pessoas andam com as duas pernas mães!

Dessa vez a mãe gargalhou.

-Duas pernas, Cristina? E como é que elas fazem para se equilibrar?

-Eu não sei mãe! Só estou dizendo aquilo que me foi mostrado.

-Cristina! Será uma escritora com essa imaginação infundável! Mas, você bem sabe que com três pernas já é difícil as vezes.

-Eu sei mamãe! Também não precisa me dizer que os aleijados de duas pernas andam com muletas. Só que não se trata de imaginação- O tom da menina era manhoso e entristecido.

-Chega Cristina! Brincadeira tem limite e ninguém tem paciência com lunáticos.

Ela esticou as três pernas, abaixou o pescoço e analisou cada um dos quinze dedos dos pés, dispostos no trio de sandálias amarelas. Não podia ser só produto da sua mente, afinal se tinha dois braços porque não poderia ter, apenas, duas pernas?

\*\*

*Eram vários homens andando por entre longas ruas asfaltadas. O céu estava nublado, e dali trinta minutos cairia uma tempestade. Vários deles carregam guarda-chuvas e sombrinhas na mochila ou sacolas. O olhar distante e a despreocupação com quem respirava a poucos centímetros representava o símbolo hostil da pós-modernidade. Pós-modernos em sua individualidade mesquinha. Pós-modernos em roupas diferentemente iguais. Pós-modernos em produzir um monte de papéis que ficariam empilhados, ou lotando caixas de e-mail*

*de instituições governamentais. Eles eram tão iguais ao que se vê todos os dias, mas espere havia um detalhe. Caminhavam com duas pernas.*

*Caminhavam com duas pernas e sem cair.*

\*\*

No começo a mãe de Cristina pensou se tratar de um desenvolvimento tardio: até os sete anos a criança não consegue separar direito a realidade da imaginação. Quem sabe o sistema cerebral da filha não resolver levar isso até um pouco mais tarde?

Mais cinco anos e a mulher se desesperou.

A coisa só piorava. Cristina passava longas horas em seu quartinho com o olhar distante. A imaginação a dançar em estapafúrdios. Os testes de inteligência davam normais. E os exames neurológicos apontavam um cérebro saudável. A conclusão tornou-se óbvia: ela mentia. A pergunta era por quê?

\*\*

O quartinho tão pequenino e abafado: era perfeito. Cristina fizera questão de transformar a dispensa em sua morada. A mãe contestou por uns dois dias, por fim deixou:

-Se quer sair do seu quarto descente, vá para esse lugar claustrofóbico. Desisto. Das suas esquisitices essa é a menos danosa.

A menina dos cabelos lisos e castanhos só queria estar em um local onde ninguém a vice. Queria estar em um local que fosse apertado até para as ideias. Onde ficasse escondida delas, e de qualquer coisa que despertasse aquelas malditas visões.

Não demorou e seus olhos rolaram em lágrimas: dessa vez viu um lugar em que ao invés de terem altares com as longas garrafas de vidro presentes desde o início da humanidade, as pessoas cultuavam caixas de leite. CAIXAS DE LEITE isso era tão absurdo, e ela sentia um ódio imenso por não conseguir ao menos por um segundo desconfiar de que aquilo fosse uma ilusão.

\*\*

*Tudo igual a esse mundo. O capitalismo azedo. As crianças carregando celulares caros. Os atentados na França. O atentado em Mariana. A teoria das cordas. Tudo. Quase tudo: bastava adentrar em uma das casas. Dobrar o corredor da sala. Chegar a cozinha. Na cozinha toalhas de rendinha bordadas por alguma tia solteirona. Geladeira. Fogão. Um local idêntico ao nosso. Exceto por. Bastava olhar mais de perto para no centro de um balcão: lá estava uma caixa de leite centralizada. E que fiquem bem claro: elas sempre existiram. Desde o começo desse mundo. Muito antes de terem inventado o plástico. Ninguém se perguntava como era possível. Apenas cultuavam as tais caixas.*

\*\*

-Cristina! Volte aqui agora.

Ela não olhou para trás. Não olharia mais. Não precisava estar ali. Nunca precisou. Agora tudo fazia sentido. Era uma benção. Sim! Só poderia ser. Será que todos os que já fizeram isso, conseguiram ver as mesmas junções de cores na mente? A exata conexão feita pelos neurônios?

Cristina sorriu. Ela correria mais de uma hora de sua casa, até lá e sem parar. Subiu em cima da barreira de proteção da ponte. Soltou seus cabelos castanhos dispostos em um coque, e de repente se sentiu como uma espécie de luz branca, que a tudo atravessa.

Olhou para os dois lados, e como criança que faz arte se jogou de uma altura de vinte metros. Foi tudo tão poético para Cristina. Aqueles poucos segundos tornaram ainda mais alva sua decisão. Um mergulho para aquela dimensão em que seria aquela jornalista. Aquela que fez uma exclusiva com diabo. TIBUM. Não era morte: Cristina estava viajando para sempre a outra dimensão.

\*\*

-Moça? MOÇA?- o homem do seu lado no banco de ônibus a chacoalhava- Chamem um médico. Cristina despertou.  
-Estou bem! Só estou um pouco cansada.  
O homem não pareceu acreditar.  
-Você ficou uns cinco minutos se retorcendo, e com os olhos fixos. Vou até usar uma comparação que parece loucura: mas você parecia estar se afogando.  
Cristina respirou fundo:  
-Estou um pouco tensa. Vou conversar com uma editora hoje. Por sinal, esse é o meu ponto.  
Ela saiu correndo sem que conseguissem a segurar. Um misto de sensações e questionamentos a invadiam: porque Andressa Blitoc aceitou marcar uma conversa? E o que significou aquele sonho daquela mulher estranha e exatamente com a sua fisionomia mergulhando para o além?  
Cristina olhou para o celular, teria de correr faltavam apenas cinco minutos para a entrevista com Andressa Blitoc. Antes de guardar o celular na bolsa viu que os dedos da mão estavam completamente enrugados.  
Ela teve certeza: aquilo não podia ter sido um sonho.



*A espera da rainha de gelo*



*Inventaram que as coisas têm de fazer sentido, mas e senão tiver?*

**E**la se levantava cedo. Mais cedo que a vizinha que saía para trabalhar às 6 horas. E não era disposição ou vontade de fazer alongamentos: nada disso. Não tinha haver com a beleza do dia, o ar fresco da manhã, a curiosidade de ver os pedreiros sarados passando em direção à construção do novo prédio na rua: ela apenas esperava.

E quando você espera não a mais nada a se fazer. Não se a espera for a chave que irá tirar os milhares de fios finos e quase invisíveis que te prendem em alguma coisa. Que você não sabe muito bem, mas que não faz sentido, especialmente quando nada mais você tiver sentido. Porque ela já foi dessas que em dado momento sorriu e disse bom dia ao acaso para os transeuntes desavisados na rua, caminhou dando pulos assimétricos na calçada. Na infância as senhorinhas apontavam para ele ao lado da mãe e diziam “que linda sua filha tão branquinha”, nessas horas ela se sentia a princesa do gelo, com os cabelos contrastantes de fogo. Mas, agora era tudo nostalgia e o peito é que se tornará um buraco vazio e profundo, como um iceberg. Ela não saberia dizer em qual estágio ocorreu esse processo, em que os cristais de água se materializavam na face dialogando com as minúsculas rugas daquela rainha, ou quando foi mesmo que todos foram embora, ou porque a cada ano a bunda se tornava mais avantajada, ou porque consumia tanto açúcar se tinha predisposição ao diabetes, ou quando deixou de acreditar na baboseira do sonho americano, ou por qual razão pintará as paredes do quarto de azul, se essa cor a remetia tanto a tristeza? E porque ficava parada inerte naquela janela depois de tanto tempo?

Da parede ela sabia sim. Foi ele que disse para ela. E ela nunca esqueceu: que o azul daquele monte de concre-

to junto a sua pela translúcida trazia um ar celestial para seus corpos que dançavam por horas. E dias naquela cama. Produzindo os sons serenos de uma via sacra. Aquilo era divino o auge de uma verdade absoluta.

Naqueles momentos ela se tornava a santa rainha e as coisas pareciam querer significar alguma coisa, o buraco continuava lá: mas cresciam flores e arbustos redondos que o deixavam tão belo, que aquele profundo parecia realmente se encaixar no seu mundo. No mundo luxuoso da bela rainha. Ela podia se lembrar com nitidez as partículas douradas daquela pele, os pelos encravados e as minúsculas cicatrizes de acne, os caminhos que o tempo abria nos cabelos dele, e aqueles olhos negros a convidando para o abismo.

Até dizerem para ela “tudo acabou”. Até dizerem para ela que ele não mais respirava. Até dizerem para ela que ele não mais habitava essa dimensão. Então, os cristais salgados surgiam como o vasto exército da rainha de gelo.

Foram firmes e pronunciavam “o tempo é o senhor da razão” ou simplesmente “vai passar”. Só que não passou. E não foi embora porque ela sabia que tudo não passava de uma enorme mentira. Uma enorme falácia inventada por opositores do seu reinado de felicidade. Ela sabia que ele ainda estava aqui. Ela sentiu como as labaredas que vencem as noites frias de inverno. Ela sabia que aquele corpo era só muito parecido com o dele. Ela sabia por que ele prometeu que não partiria sem ela. Ela sabia que ele jamais seria como aquele homem pendurado naquela corda inerte. E por saber escolheu esperar.

Por isso, ela não foi aquele enterro forjado: ao invés disso amarrou uma mensagem em um pombo correio e o soltou daquela janela de lembranças, ao aparecerem os primeiros raios de sol. Ela não se lembra de exatamente quais foram as letras tortas desenhadas naquele pedaço de papel, mas ela tinha a absoluta convicção que um dia ele receberia a mensagem, não importe a onde estivesse e voltaria.

Ai, todas as manhãs ela se levanta bem cedo e espera. No fundo ela sabe que sua espera se trata de pura covardia. Mas, mesmo assim vai continuar esperando: como a rainha do gelo que nunca foi majestade.

A black and white photograph of a woman from the back, brushing her hair. She is wearing a dark top. The background consists of vertical bars, possibly from a window or a door, creating a pattern of light and shadow. The overall mood is contemplative and artistic.

*Roteiro:  
Outra face*

CENA 1- QUARTO/APARTAMENTO DE ANELISE- INTERIOR/MANHÃ

ANELISE de 30 anos movimenta os braços deitada na cama para tentar despertar. O quarto é espaçoso e tem móveis planejados. Anelise é uma dessas mulheres típicas da classe média: com a pele bem tratada e cabelos hidratados e lisos. Ela se levanta para ir em direção a cômoda com espelho, então mexe a perna como se fosse dar um chute. Em seguida se abaixa e confere os tornozelos que estão com aspecto normal. Caminha rapidamente até o espelho, e ao ver seu reflexo tudo está em ordem. Anelise gira de costas tentando ver se o espelho mostra algo. Ela passa a mão por todo o corpo e se projeta para frente encostando as mãos na cômoda. Olha para seu rosto projetado no espelho.

ANELISE

Deus! O que está acontecendo comigo?

CENA 2- SUÍTE DO QUARTO/APARTAMENTO DE ANELISE-INTERIOR/MANHÃ

Anelise está no chuveiro e se ensaboa. Passa a mão pelo corpo e tudo parece estar normal. Ela canta no chuveiro.

CENA 3 - ESCRITÓRIO- INTERIOR/MANHÃ

Anelise está sentada em uma mesa branca. Em sua bancada é possível ver vários post-its com anotações. Os papéis e alguns livros estão empilhados por ordem de tamanho. Próximo a um computador da Mac está um porta-retratos. Na foto é possível ver Anelise bronzeada e com um longo sorriso. Mas, a foto está cortada pela metade. Ao redor existem várias mesas do mesmo tamanho que a de Anelise.

CENA 4- ESCRITÓRIO- INTERIOR/ MANHÃ

MARISA (35), ROSANA (31), ESTELA (31) e Anelise estão próximas a máquina de café do escritório (as outras moças possuem aparência semelhante a de Anelise).

MARISA

Ficaram sabendo que a estagiária? Aquela de jeitinho fácil? Ela tá grávida do bonito da contabilidade.

ROSANA

Não esperava nada de diferente. Ela é bem o tipo de piriguete aquela...  
Marisa completa a fala de Rosana:

MARISA

Aquela que nunca sente frio.

Rosana e Marisa pegam duas xícaras de café e saem de braços dados.

ROSANA

Temos que ir indo meninas.

MARISA

E vocês sabem: sigilo absoluto!

Estela fita as outras duas que já estão de costas em tom de desaprovação. Ela se aproxima de Anelise e encosta em seu braço;

ESTELA

Vamos almoçar juntas? Tenho um monte de coisa para te contar, e quero estar bem longe das fofoqueiras de plantão.

CENA 5- RESTAURANTE- INTERIOR/INICIO DA TARDE

Anelise e Estela estão se servindo no bife. Os móveis e as pessoas bem vestidas sugerem se tratar de um lugar caro. Anelise olha as saladas e assim que vai coloca-las no prato passa a mão no estomago. Na parte onde se escolhem as carnes Anelise não pensa duas vezes:

ANELISE

-Me vê um bife grande e mal passado.

Cena 6- restaurante- Interior/inicio da manhã

Anelise e Estela estão sentadas em uma mesa de canto uma de frente para a outra. Enquanto, Estela começa a falar Anelise come o bife olhando fixamente para o sangue em seu prato.

ESTELA

Pedro e eu fomos aquela clínica para os tais exames.

Anelise não presta atenção e corta a carne em grandes pedaços. Estela nota

a atitude estranha da amiga mas continua falando.

ESTELA

Então é que eu não posso engravidar.

Anelise não responde nada e mastiga vagarosamente a carne como se sentisse muito prazer.

ESTELA

Você ouviu o que eu disse?

ANELISE

Vou ver se repito isso daqui.

ESTELA

Está tudo bem Ane? Você sempre gostou de bife bem passado e sempre encheu seu prato de salada.

ANELISE

Claro. Porque não estaria?

CENA 6 QUARTO/APARTAMENTO- INTERIOR/NOITE

Anelise está se penteando apoiada no balcão com espelho. Ela fita sua imagem e parece estar tranquila.

CENA 7- SUÍTE/APARTAMENTO- INTERIOR/NOITE

Anelise está se ensaboando no chuveiro. Ela fala em voz alta as atividades que fará no outro dia.

ANELISE

Então amanhã tenho que colocar em ordem o projeto, e também preciso conversar mais sobre aquele assunto com Estela.

Ela volta a se ensaboar em silêncio, quando sente alguma coisa no braço. Ela gira o pulso e parece ver uma mancha incolor que se desloca. Anelise grita e se desespera mas, quando olha o pulso novamente não há nada.

CENA 8- QUARTO/APARTAMENTO- INTERIOR/MANHÃ

Anelise desperta bruscamente e corre em direção ao balcão do espelho. Ela gira seu corpo de um lado para o outro, mas não encontra nada de anormal.

CENA 9- COZINHA/APARTAMENTO- INTERIOR/MANHÃ

A cozinha e a sala estão no mesmo ambiente possuindo apenas um balcão como divisória. Anelise se aproxima da geladeira de duas portas e abre. Dentro do eletrodoméstico estão vários alimentos considerados saudáveis como: frutas, verduras e pães integrais. Ela pega um pote com granola e uma embalagem de iogurte. Ela caminha até a bancada onde está uma vasilha e uma colher. Começa a colocar a granola no recipiente e faz uma cara de nojo. Caminha até o congelador da geladeira e pega um pote com carne. Depois, pega uma frigideira e vai até o fogão. Coloca generosos pedaços de carne na panela, e olha fixamente para os pedaços. Anelise nota o sangue que parece coagular e depois as fibras de carne que parecem se contrair e abrir. Nota o sentido em que a carne foi cortada, então os filetes vão se tornando listras vermelhas e o fundo preto da panela torna-se um abismo preto: por onde as listras se tornam ainda mais escarlates e começam a aumentar e a diminuir. Até finalmente virarem uma única espiral que se desintegra.

CENA 10- ESCRITÓRIO- INTERIOR /TARDE

Anelise se levanta de sua mesa e vai até a de Estela que fica do outro da sala. Ela se aproxima e confidencia em tom baixo.

ANELISE

Preciso falar com você.

ESTELA

O que foi, Ane?

Anelise respira profundamente e ao invés de falar sobre seus estranhos acontecimentos muda de assunto.

ANELISE

Só queria pedir desculpas por ontem. Não quis fazer pouco caso de um assunto tão sério. É só que: ando com a cabeça nas nuvens.

ESTELA  
É só isso mesmo?

ANELISE  
É claro. O que mais seria?

CENA 11 - SEQUÊNCIA DE MONTAGEM

Anelise acorda vai até o balcão do espelho e se olha,

Anelise toma banho;

Anelise prepara carne na cozinha;

Anelise come os pedaços de carne compenetrada;

Anelise digita um relatório em seu computador no escritório;

Anelise almoça com Estela no restaurante e enche seu prato com bifês;

Anelise está sentada no sofá da sala assistindo televisão em seu colo está um prato de carne;

Anelise acorda vai até o balcão do espelho e se olha;

Anelise come pedaços de carne, na cozinha compenetrada;

Anelise almoça com Estela no restaurante e enche seu prato com bifês;

Anelise está sentada no sofá da sala assistindo televisão em seu colo está um prato de carne;

CENA 12- QUARTO/APARTAMENTO- INTERIOR/NOITE

Anelise está dormindo na cama e rola de um lado para o outro. De repente, em um sobressalto desperta. Caminha em direção ao balcão com espelho e ao invés de ver sua imagem refletida. Nota as espirais escarlates que se desintegram. Ela tenta gritar, mas não consegue emitir som. Em seguida, começa a olhar seu corpo. Ao fitar suas mãos não enxerga mais os dedos: novamente

são as espirais escarlates. Ela leva as mãos até o espelho e as espirais das extremidades se tocam as espirais do espelho, formando uma única espiral. Anelise tenta se afastar do balcão mas, não consegue. Começa ouvir uma vibração estranha que parece tentar se comunicar.

CENA 13- QUARTO/APARTAMENTO- INTERIOR/NOITE

Anelise desperta assustada e olha para os dedos que estão normais. Ela respira aliviada, ascende a luz próxima a sua cama e caminha até o balcão do espelho. Então Anelise vê uma aranha viúva negra e tenta gritar sem conseguir. Logo que percebe estar sem voz a aranha se aproxima do espelho e é sugada. Anelise fica parada de pavor: as cores vermelha e a preta logo viram uma coisa vermelha se dissolvendo em microscópicas espirais bem a sua frente. Anelise sai correndo do quarto.

CENA 14- SALA/APARTAMENTO- INTERIOR/NOITE

Anelise e Estela estão sentadas no sofá. Estela abraça a amiga e tenta acalmá-la.

ESTELA  
Ane essas coisas que você me disse não fazem sentido. Tem certeza que não foi um pesadelo?

ANELISE  
Eu te juro. Estou há semanas para te contar mas, durante esse tempo todo achei que fosse coisa da minha cabeça.

ESTELA  
Mas Ane você não disse que não estava nem conseguindo falar?

ANELISE  
Eu sei que não faz sentido, mas acredite em mim.

ESTELA  
Lembra quando eu e o Pedro terminamos?  
(Anelise assenti com a cabeça)

ESTELA

Foi tão estressante eu quase enlouqueci. Não quero dizer que você não está lidando bem com isso. É que.... Você parece estar lidando bem demais. E bem tem outra coisa...

ESTELA

Desde aquele dia, que aquelas duas fofoqueiras falaram da tal estagiária grávida: você está desatenta e sempre que almoçamos só come bifés enormes...

ANELISE

Desculpa, não sei o que quer dizer.

ESTELA

Algumas mulheres ficam estranhas na gravidez...

Anelise olhou fixo nas pupilas de Estela em um tom que não era seu habitualmente:

ANELISE

Talvez ocorra outro tipo de parto aqui.

CENA 15- CLÍNICA- INTERIOR/TARDE

Anelise está sentada de frente para o doutor ANTUNES (50).

ANTUNES

Estela se preocupa muito com você. Ela estava sentada nessa mesma cadeira quando recebeu a notícia que bem você sabe.

ANELISE

Você pode ir direto ao ponto. Senão estiver sendo muito indelicada, claro.

ANTUNES

(constrangido)

Ou claro! Então, Anelise os exames apontam que você não está grávida.

Antunes fita Anelise com uma expressão tensa.

ANELISE

Então senão estou grávida tá tudo certo não é?  
Antunes demora alguns segundos antes de responde-la.

ANTUNES

É claro que está.

Antunes faz outra pausa.

ANTUNES

Só gostaria de fazer um ultrassom. Procedimento de praxe. Entende?

CENA 16- CLÍNICA- INTERIOR/TARDE

Antunes passa o aparelho sobre a barriga de Anelise. Durante o exame o médico fica silencioso e apático. Não é possível ver nada de anormal no abdômen de Anelise.

ANELISE

E aí, Doutor?

ANTUNES

É só que eu pensei...

ANELISE

Sim.

ANTUNES

Está tudo bem. Pode ir para casa.

CENA 17- CAMINHO PARA CASA DE ANELISE- EXTERIOR /TARDE

Anelise caminha por uma calçada larga cheia de vitrines com a palavra promoção e manequins vestidas com biquínis cavados. Ao lado da calçada passam vários carros com pessoas que buzina e reclamam no trânsito. Um carro passa com o som alto tocando a música as pepitas de ouro de Zé Ramalho. Anelise deixa cair o celular que estava em sua bolsa sem perceber. Ela caminha mais uns três passos em um curto espaço de tempo que parece longo. Ela vê o biquíni vermelho de um manequim ir se tornando rapidamente uma

espiral vermelha. Então as coisas ao se redor vão formando espirais vermelhas. Anelise começa a soar e sentir seu corpo queimar. Então, ela passa a mão na cabeça e a vira de um lado para o outro tentando evitar a vibração que sente em sua cabeça, que é a mesma que teve no sonho. Ela percebe que alguma coisa a está cutucando é um GAROTO (10) que carrega seu celular:

GAROTO

Moça, acho que derrubou esse celular. Ele tá tocando.

O garoto saiu correndo e pareceu se dissolver como partículas de areia. Era Estela no telefone:

ESTELA

E aí? Você está grávida não é?

ANELISE

Sinceramente, eu não sei o que tem dentro de mim.

CENA 18- CAMINHO PARA CASA DE ANELISE- EXTERIOR/ENTARDECER

Anelise caminha transtornada pelas ruas. Seus cabelos estão arrepiados, o suor pinga de seu rosto e a aparência está cansada. Ela olha para o próprio braço e vê partes da pele pulsando. Ela caminha alguns passos devagar e fita os sapatos claros com salto baixo, que parecem estar apertando os dedos. Retira o calçado e vê os dedos com as unhas cheias de bolha, e partes da pele pulsando. Enquanto, anda tromba nas pessoas sem se dar conta. Uma SENHORA (72) se preocupa com seu estado:

SENHORA

Está tudo bem querida?

Anelise continua a olhar os dedos de seu pé.

SENHORA

Tem certeza que não quer ajuda querida?

Anelise se vira bruscamente para a mulher e gira seu pulso com muita força. Assim, que consegue a senhora se solta e começa a gritar de dor.

SENHORA

(choramingando de dor)

Menina, o que você fez no meu braço?

Anelise parece ter um estalo de lucidez.

ANELISE

Me desculpe... Eu não sei o que estava fazendo.

Um casal que estava perto se aproxima da senhora para ajudá-la. A MULHER (33) e o HOMEM (31) magros e altos estão indignados. E falam em coro:

HOMEM E MULHER

Que espécie de monstro é você?

Anelise se virou e acelerou o passo. A voz do casal crescia em sua cabeça até se tornar um coro de vozes ainda mais alto. Até virar uma espécie de eco alto e distante.

ANELISE

Que espécie de mostro sou eu?

CENA 19- CORREDOR DO APARTAMENTO DE ANELISE- INTERIOR/NOITE

Anelise se apoia no corrimão da escada e sobe com dificuldade o suor pinga de sua face. Ela olha o pulso e nota uma mancha incolor que se move. Anelise acelera as passadas. A iluminação é fraca e as partes não iluminadas tem uma coloração que oscila entre o preto e o vermelho.

CENA 20- QUARTO DO APARTAMENTO DE ANELISE- INTERIOR /NOITE

Anelise está sentada na cama. Ela se contorce de dor e olha o celular que está tocando em cima do criado mudo. Ela apoia suas mãos no móvel para saber quem faz a ligação; É Estela quem está ligando. Anelise não atende. Uma gota de suor incolor escorre de sua face e quando cai no chão torna-se vermelha. Anelise olha a gota mas, não parece assustada, demonstra estar fora de si. Ela fita atentamente a gota coagular no chão. Então começa as partículas que vão se dissolvendo em vários microscópicos pedaços. As partículas vão tomando conta das paredes do quarto e adquirem pouco a pouco o formato de espirais. Anelise começa a ter espasmos no corpo como uma

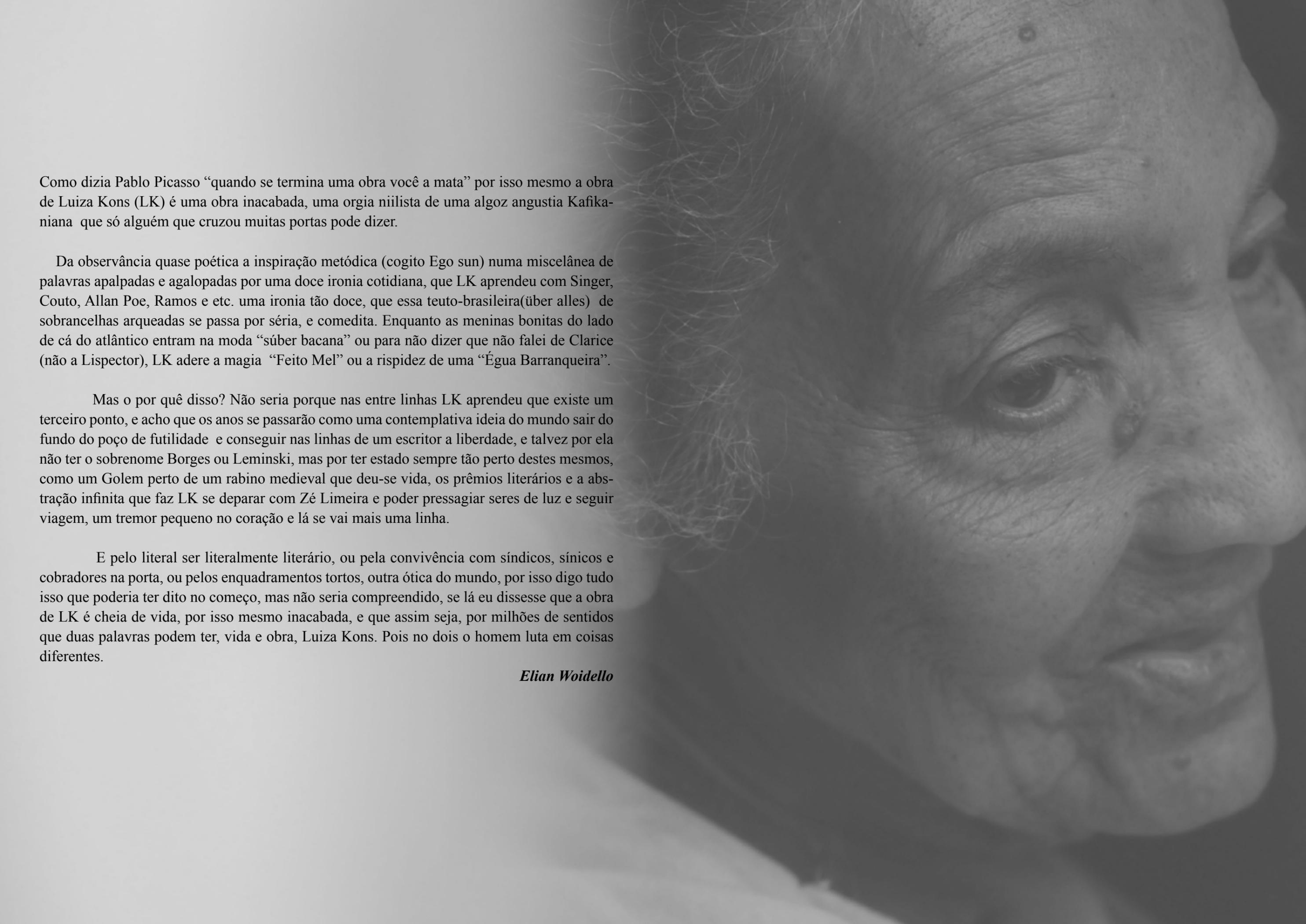
espécie de ataque epilético. Anelise olha seus pés e percebe que as espirais vermelhas estão a milímetros de toca-los. Anelise tenta se levantar.

CENA 21- QUARTO/APARTAMENTO- INTERIOR/MANHÃ

ALIENÍGENA de idade indefinida e coloração movimentada seu único braço em uma cama em formato de triângulo. O ser possui três pernas finas e no lugar dos três pés surgem três espirais. O local é repleto de móveis em formatos triangulares e a cor predominante é a laranja. A Alienígena se levanta para ir em direção a cômoda triangular com espelho, então mexe uma das pernas como se fosse dar um chute. Em seguida se abaixa e confere os três tornozelos que estão com aspecto normal. Caminha rapidamente até o espelho, e ao ver seu reflexo tudo está em ordem. Alienígena gira de costas tentando ver se o espelho mostra algo. Ela passa a mão por todo o corpo e se projeta para frente encostando as mãos na cômoda. Olha para seu rosto projetado no espelho. E pronuncia palavras em uma língua estranha

ALIENÍGENA

Shoreve! Lpre ner loersde jrer?



Como dizia Pablo Picasso “quando se termina uma obra você a mata” por isso mesmo a obra de Luiza Kons (LK) é uma obra inacabada, uma orgia niilista de uma algoz angustia Kafkiana que só alguém que cruzou muitas portas pode dizer.

Da observância quase poética a inspiração metódica (cogito Ego sun) numa miscelânea de palavras apalçadas e agalopadas por uma doce ironia cotidiana, que LK aprendeu com Singer, Couto, Allan Poe, Ramos e etc. uma ironia tão doce, que essa teuto-brasileira(über alles) de sobranceiras arqueadas se passa por séria, e comedita. Enquanto as meninas bonitas do lado de cá do atlântico entram na moda “súber bacana” ou para não dizer que não falei de Clarice (não a Lispector), LK adere a magia “Feito Mel” ou a rispidez de uma “Égua Barranqueira”.

Mas o por quê disso? Não seria porque nas entre linhas LK aprendeu que existe um terceiro ponto, e acho que os anos se passarão como uma contemplativa ideia do mundo sair do fundo do poço de futilidade e conseguir nas linhas de um escritor a liberdade, e talvez por ela não ter o sobrenome Borges ou Leminski, mas por ter estado sempre tão perto destes mesmos, como um Golem perto de um rabino medieval que deu-se vida, os prêmios literários e a abstração infinita que faz LK se deparar com Zé Limeira e poder pressagiar seres de luz e seguir viagem, um tremor pequeno no coração e lá se vai mais uma linha.

E pelo literal ser literalmente literário, ou pela convivência com síndicos, sínicos e cobradores na porta, ou pelos enquadramentos tortos, outra ótica do mundo, por isso digo tudo isso que poderia ter dito no começo, mas não seria compreendido, se lá eu dissesse que a obra de LK é cheia de vida, por isso mesmo inacabada, e que assim seja, por milhões de sentidos que duas palavras podem ter, vida e obra, Luiza Kons. Pois no dois o homem luta em coisas diferentes.

*Elían Woidello*